

O pênalti

Voltar ao Maracanã não era uma experiência simples para Leo. Quantas vezes ele estivera naquele estádio... Quantas vezes, naquele mesmo gramado, ele escutara o seu nome...

Com o número quatro nas costas e a faixa de capitão no braço, seus dias mais felizes no futebol foram passados naquele estádio, ao lado daquela torcida. Antes de cada jogo, a todo pulmão, os torcedores celebravam a sua raça. De jogos despreziosos do Campeonato Carioca a partidas épicas e decisivas da Libertadores, o canto era sempre o mesmo:

“O capitão é mal, pega um pega geral!”

Mesmo não sendo dos gritos mais criativos, a torcida sabia que não havia forma melhor de resumir o valente zagueiro.

Com tantas oportunidades de ter enfrentado o seu time do coração, quis o destino que ele o reencontrasse numa noite de estádio cheio, em pleno jogo de volta da final da Copa do Brasil, justamente o único título que o capitão não tinha. Após 90 minutos de um empate sem gols, os pênaltis decidiriam o campeão e o primeiro a cobrar... seria Leo.

80 mil pessoas acompanharam o longo caminhar do jogador do meio de campo até o gol colado na torcida que agora ele chamava de adversária.

- Um pênalti diz muito sobre um jogador! – comentou um dos jornalistas à beira do campo, infelizmente se fazendo ouvir pelo nervoso atleta.

Tudo que Leo conquistara na vida ele devia ao seu ex-clubê. De títulos à riqueza, de convocações para a Seleção a uma carreira de sucesso na Espanha. Aquela longa caminhada de cabeça baixa fez o capitão lembrar do seu primeiro treino no clube (aos 12 anos), do seu primeiro jogo vestindo aquela camisa, do primeiro gol que fez (e que gol!) e a comemoração nos braços da torcida, do primeiro título, do dinheiro que mudou sua vida e da sua família, da forma como a torcida perdoou cada um dos seus erros...

O caminhar até a cobrança nunca havia sido tão nervoso, nem mesmo quando ele bateu (e converteu) um pênalti em plenas quartas-de-final da Copa do Mundo. A vida de um atleta é realmente repleta de voltas e surpresas.

Leo chegou na marca do pênalti e olhou para o goleiro com o qual tantas vitórias havia celebrado. Atrás do goleiro, duas das torcidas organizadas que tantas vezes balançaram bandeiras com seu rosto pintado. Gandulas, jornalistas-torcedores, fotógrafos... Leo conhecia o rosto de todos que estavam a postos atrás do gol.

Colocando a bola em cima do círculo, ele respirou fundo, olhou para a direita do goleiro e, como de costume, bateu no lado oposto. Goleiro no chão, bola na rede...

O jornalista à beira do gramado sabia o que dizia. Após títulos, convocações, fortuna e fama, o pênalti no Maracanã lotado era o maior dos testes da vida do jogador. O pênalti não diria “muito” sobre o capitão – ele diria tudo.

No dia que Leo aceitou colocar a braçadeira de capitão pela primeira vez, ele sabia que transpunha a barreira do improvável e que poderia deixar sua marca na história do esporte. Aquele pênalti provava que capitão se tornara um dos gigantes do futebol...

E o caminho de volta ao meio campo foi tão lento e reflexivo como o de ida. O capitão continuava de cabeça baixa, sentindo dor por ter feito o que todo gigante do futebol precisa em algum momento fazer: colocar o amor pelo esporte em primeiro lugar.